

Caracterização Socioeconômica, Produtiva e Ambiental de Assentamentos Rurais em Sergipe

Rony Melo Guimarães¹; Fernando Fleury Curado²

Resumo

Durante a formação de processos participativos nas comunidades rurais, que valorizam os saberes locais sobre o uso e manejo dos recursos naturais integralizado com os saberes de origem acadêmica, se faz necessária a sistematização de informações de diferentes características, da realidade e da dinâmica das comunidades, para que se efetivem transformações que possam trazer benefícios para tais comunidades. Assim a Embrapa Tabuleiros Costeiros vem desenvolvendo o projeto *Experimentação Participativa e Agroecologia em Assentamentos Rurais de Sergipe*. Este trabalho tem como objetivo caracterizar a realidade de cinco assentamentos rurais no Estado de Sergipe, permitindo o avanço dos conhecimentos e a identificação de mecanismos para a definição de proposições de desenvolvimento sustentável. Durante a caracterização foi possível observar que no tocante a produção é possível observar que o seu maior volume é direcionado para o consumo doméstico, sendo o excedente direcionado à comercialização. Observou-se a existência de experiências agroecológicas em todos os assentamentos, destacando-se os policultivos, formas de manejo da vegetação da Caatinga, a valorização de quintais produtivos, estratégias de manejo da água nos sistemas de produção, dentre outras. Portanto, as informações preliminares demonstraram a importância da definição de estratégias metodológicas que garantam a participação social na pesquisa. Tais estratégias permitiram a compreensão da realidade dos Assentamentos Rurais.

Palavras-chave: desenvolvimento rural, experimentação agroecológica participativa, agricultura familiar.

¹ Graduando de Agronomia, bolsista CNPq/PIBIC, Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, rony.guimaraes@hotmail.com.

² Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, fernando.curado@embrapa.com.

Introdução

A agroecologia possui, nos conhecimentos e experiências já acumulados, uma rica ferramenta de estudo e intervenção que, além de manter coerência com suas bases científicas, busca contribuir e promover transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis (CAPORAL, 2009). Para concretizar tais transformações, a sistematização de informações de diferentes características, da realidade e da dinâmica das comunidades, se torna ferramenta fundamental. Assim, é essencial a criação de espaços e momentos integradores que promovam o intercâmbio de saberes entre pesquisadores, técnicos e agricultores.

O mais característico e próprio da reflexão sistematizadora é que ela busca penetrar no interior da dinâmica das experiências. Algo assim como entranhar-se nesses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas, localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraíndo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria (HOLLIDAY, 2006). Nesse contexto, o presente trabalho objetivou caracterizar a realidade de cinco assentamentos rurais no Estado de Sergipe, permitindo o avanço dos conhecimentos e a identificação de mecanismos para a definição de proposições de desenvolvimento sustentável.

Material e Métodos

As atividades desenvolvidas para a caracterização dos assentamentos foram conduzidas no projeto de *Experimentação Participativa e Agroecologia em Assentamentos Rurais de Sergipe* da Embrapa Tabuleiros Costeiros desde o ano de 2011. Os assentamentos foram selecionados tendo como principais critérios para seleção: a organização interna do assentamento; a inserção dos mesmos em suas respectivas articulações territoriais; a disponibilidade de áreas apropriadas para experimentação no assentamento; as experiências anteriores de parceria com a Embrapa; o interesse dos agricultores na experimentação participativa e; o fato de estarem localizados em áreas que caracterizam a diversidade de agroecossistemas nos Biomas Mata Atlântica e Caatinga.

Após a definição dos assentamentos foi realizada a sensibilização dos agricultores através de reuniões, visando a apresentação do projeto e, principalmente, o envolvimento e integração dos atores locais na proposta. Neste momento, foram utilizadas dinâmicas próprias que buscaram a identificação de lideranças nas comunidades, buscando a articulação interna, constituindo os Grupos de Apoio, em cada assentamento, com papéis determinantes em todas as etapas do projeto.

Todo o processo de construção deste momento inicial foi sistematizado na forma de apresentações e apresentado aos agricultores na forma de oficinas de devolução nos assentamentos. Além disso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (individuais e coletivas), assim como técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) nos locais selecionados, favorecendo o processo coletivo de caracterização socioeconômica destes espaços, a compreensão do processo histórico de luta pela terra e das demandas produtivas, além da identificação das tecnologias agroecológicas existentes nestes locais. Estes momentos possibilitaram a discussão sobre a complexidade dos sistemas de produção da agricultura familiar e a identificação e planejamento dos espaços onde as tecnologias seriam avaliadas.

Tabela 1. Localização, número de famílias e ano de criação de cinco Assentamentos Rurais no Estado de Sergipe.

Assentamento	Município	Número de famílias	Ano de criação
José Félix de Sá	Pirambú	24	2002
José Gomes da Silva	Lagarto	40	1997
Novo Marimbondo	Tobias Barreto	76	2008
Santa Rita	Canindé de São Francisco	40	2002
Extrativista São Sebastião	Pirambu	28	2005

Resultados e Discussão

De modo geral, as metodologias participativas permitiram a percepção coletiva de que os problemas que dificultam a produção agroecológica nos cinco assentamentos são semelhantes. Da mesma forma, as ações realizadas nas localidades permitiram a reflexão crítica sobre as formas de intervenção social realizadas pelos técnicos nestes espaços. Vários agricultores alegaram a

ausência de técnicos qualificados para a assistência técnica, ou assessoria em assentamentos.

Existem dificuldades no acesso a crédito específico para produção agroecológica. Em todos os assentamentos analisados, os agricultores adquiriram dívidas com o governo por não terem conseguido quitar os financiamentos do Pronaf B, liberado pelo Banco do Nordeste (BNB) e dos Créditos Fomento, Habitação e Apoio Inicial, liberados pelo INCRA. Assim, a aquisição de novos recursos para investimentos nos lotes mostrou-se comprometida.

Uma das causas da inadimplência dos assentados foi a aplicação de parte dos recursos em atividades sem retorno lucrativo. Uma segunda causa é a utilização de tecnologias inapropriadas nos cultivos e criações, que são consequências da falta de assistência técnica. A ausência da definição de estratégias metodológicas que favoreçam a participação dos agricultores nas decisões individuais e coletivas mostrou-se evidente em todos os assentamentos. Alguns agricultores no Assentamento José Félix de Sá, por exemplo, citaram ainda que o valor recebido foi insuficiente para a realização de obras estruturantes nos lotes, demonstrando a ausência da participação social nas definições das melhorias nestes espaços. Alguns relatos evidenciaram ainda a falta de informação sobre a utilização do crédito

Nos assentamentos José Félix de Sá, José Gomes da Silva e Novo Marimbondo alguns agricultores assentados criam animais de grande porte em pequenas áreas, entre sete e dez hectares, impossibilitando uma criação que gere renda suficiente para família. A questão do tamanho médio dos lotes também foi identificada por Souza e Cunha (2008) na mesma região das localidades supracitadas. Segundo tais autores, as famílias assentadas desenvolvem suas atividades agrícolas em área média de dez hectares muitas vezes em condições de solos de baixa fertilidade natural e em localidades com limitações climáticas, comprometendo até mesmo a produção para subsistência das famílias.

No tocante a produção, é possível observar que o maior volume é direcionado para a subsistência das famílias, sendo o excedente destinado à comercialização, sendo também perceptível a ausência de práticas coletivas nestas atividades. De maneira geral os agricultores trabalham com várias culturas e criações nas suas propriedades. Aquelas que são comumente desenvolvidas por todos os assentamentos são milho (*Zea mays*), feijão de arranque (*Phaseolus vulgaris*),

feijão de corda (*Vigna unguiculata*), abobora (*Cucurbita moschata*), batata-doce (*Ipomoea batatas*), mandioca e macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz). As criações de aves, ovinos e bovinos também foram identificadas.

Observou-se em quase todos os assentamentos, a prática da priorização de alguma atividade em que dedicam maior tempo e capital. No assentamento José Félix de Sá o cultivo que possui maior destaque é a do abacaxi (*Ananas comosum*), comercializado junto aos atravessadores, ou diretamente na feira livre da cidade de Aquidabã. Nos Assentamentos José Gomes da Silva, Novo Marimondo e Santa Rita ocorre a priorização da criação de bovinos, sem raça definida, com aptidão tanto para produção de carne como de leite. Somente no Assentamento Agroextrativista São Sebastião a prática da priorização de uma única atividade produtiva não se mostrou expressiva. Observou-se que diversas atividades produtivas são conduzidas pelos agricultores, desde a pesca, o plantio de culturas como mandioca, feijão, coco (*Coco nucifera*), até o extrativismo da palha do Ouricuri (*Scheelea Phalerata*), utilizada como matéria prima para o artesanato da região e do fruto da mangabeira (*Hancornia speciosa*) que é vendido in natura a atravessadores que se deslocam até o assentamento.

Observou-se a existência de experiências agroecológicas em todos os assentamentos, destacando-se os policultivos, formas de manejo da vegetação da Caatinga, valorização de quintais produtivos, estratégias de manejo da água nos sistemas de produção, armazenamento de sementes crioulas, dentre outras.

No Assentamento José Félix de Sá alguns agricultores plantam sementes crioulas de milho em períodos diferentes que os das sementes híbridas para não haver o cruzamento de material vegetal. No Assentamento Novo Marimondo algumas famílias utilizam a manipueira (resíduo da fabricação da farinha de mandioca), urina de gado e extrato de neem (*Azadirachta indica*) para controle de insetos pragas, pimenta (*Capsicum* spp.) e babosa (*Aloe arborescens*) como remédio de animais.

Conclusões

O processo participativo de caracterização dos assentamentos demonstrou a importância da definição de estratégias metodológicas que garantam a participação social na pesquisa. Tais estratégias permitiram a compreensão da realidade dos

Assentamentos Rurais e a identificação de propostas de intervenção baseadas em tecnologias agroecológicas desenvolvidas na forma de experimentações participativas.

Referências

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009. P. 66.

HOLLIDAY, O. J. O que é sistematizar? In: PARA sistematizar experiências. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. 24 p.

SOUZA, J. M. M.; CUNHA, B. J. **Do plural ao Singular**: dimensões da reforma agrária e assentamentos rurais em Sergipe. Aracaju: EMBRAPA, 2008. 116 p.